



REVISTA

RECONEXÃO PERIFÉRIAS



Meio ambiente, soberania nacional e soberania popular

CRIMES AMBIENTAIS

O ambiente mais hostil ao meio ambiente e aos trabalhadores

FEMINISMO AMAZÔNICO

Na ponta da lança, quem paga a conta?

AGENDA DE LUTAS
JUNHO DE 2019

Meio ambiente, soberania nacional e soberania popular

Nesta edição da *Revista Reconexão Periferias*, nós vamos tratar de um tema que pode parecer estranho à pauta quando o assunto é periferia: o meio ambiente.

Defendemos a ideia de que as periferias trazidas aqui diz muito sobre todas as questões que envolvem segregação espacial, condições de moradia, desigualdade etc., e tudo isso possui forte relação com as questões ambientais.

Nos artigos que compõem *esta edição*, você verá que os problemas que perpassam o meio ambiente encontram forte ressonância nas periferias quando considerados grupos e povos excluídos do poder.

É assim quando povos indígenas, povos amazônicos e, com

destaque, as mulheres amazônicas, produzem formas de organização e expressão de suas demandas por meio do que chamam feminismo amazônico. E quando falamos da ocupação do solo para moradia e a formação da chamadas favelas nas áreas mais densamente urbanizadas do Brasil, a exemplo do Rio de Janeiro. É forte, também, a presença do tema meio ambiente entre os ativismos e movimentos sociais que atuam nas periferias. E quando dos grandes crimes contra o meio ambiente, importante falar nos sujeitos diretamente impactados pela irresponsabilidade das empresas e os direitos trabalhistas. E no campo, na agricultura familiar e nas ruralidades, também importa falar das questões ambientais.

Acreditamos que pluralizar e multiplicar as questões que compõem o grande campo ambiental é um meio de fortalecer a luta em defesa de uma vida sustentável. Significa, também, que há muitos atores e atrizes sociais reivindicando a soberania sobre suas formas de vida e reprodução, sobre a sua forma de usar os recursos naturais que o território lhe fornece, desde o lugar onde se vive.

Muitas vezes associada a questões estratégicas e de soberania nacional – como o uso do solo, das florestas e das águas –, a luta em defesa no meio ambiente que se trava nas periferias nos faz lembrar que não existe soberania nacional sem soberania popular. ■

PROJETO RECONEXÃO PERIFÉRIAS ■ **DIRETOR RESPONSÁVEL** ARTUR HENRIQUE DA SILVA SANTOS ■ **COORDENADOR** PAULO CÉSAR RAMOS ■ **EQUIPE** JAQUELINE LIMA SANTOS, JULIANA BORGES, LÉA MARQUES, MATHEUS TANCREDO TOLEDO, SOFIA TOLEDO, VICTÓRIA LUSTOSA BRAGA, VILMA BOKANY ■ **COLABORADORES** DANIEL GAIO, DARLAH FARIAS, VIVIAN ALVES DA COSTA RANGEL GOMES (VIVIAN KOSTA), ALEXSANDRO ARBAROTTI ■ **EDITOR** ROGÉRIO CHAVES ■ **REVISÃO** CLAUDIA ANDREOTTI ■ **PRODUÇÃO EDITORIAL** CACO BISOL **PRODUÇÃO GRÁFICA** ■ **FOTO DA CAPA** PIXABAY ■ **DIRETORIA EXECUTIVA DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO** MARCIO POCHMANN (PRESIDENTE), ARTUR HENRIQUE DA SILVA SANTOS (DIRETOR), ISABEL DOS ANJOS LEANDRO (DIRETORA), JOAQUIM CALHEIROS SORIANO (DIRETOR), ROSANA RAMOS (DIRETORA)

O ambiente mais hostil ao meio ambiente e aos trabalhadores

DANIEL GAIO

DANIEL GAIO É SOCIOLOGO, BANCÁRIO E SECRETÁRIO NACIONAL DE MEIO AMBIENTE DA CUT.

A coleção de ataques, crimes e retrocessos à agenda ambiental brasileira compõem um dos cenários mais tristes e alarmantes dos desmontados pela devastadora onda ultraconservadora mundial dessa década de 2010. Da retórica de tratar do tema “clima” como

uma “disputa ideológica do marxismo cultural” aos assassinatos e envenenamentos intensificados com a atual política sobre licenciamentos ambientais e uso de agrotóxicos do “governo” brasileiro, caminhamos velozmente na contramão do processo civilizatório.

Em pouco de mais de três anos, o Brasil foi vítima dos maiores crimes ambientais e contra trabalhadores de sua história. Juntos, os rompimentos das barragens de Mariana e Brumadinho despejaram 75 milhões de litros de lama tóxica de resíduos de minério, devastaram

MORQUEFILE



comunidades inteiras, geraram perdas ambientais irrecuperáveis e acabaram com a vida de mais de 260 pessoas, incluindo aqui mais de 25 desaparecidos, na sua maioria trabalhadores, sem falar no impacto social, econômico e ambiental que percorre os 47 municípios atingidos.

Nos relatórios realizados pelo Ministério Público em Mariana – com indícios similares aos de Brumadinho –, foi identificado que as empresas responsáveis tinham conhecimento dos riscos de rompimento e mesmo assim seguiram com as atividades normalmente. Comportamento de quem está seguro de que o crime compensa e de que o lucro importa mais do que evitar desastres de proporções gigantescas.

O setor da mineração, protagonista de destaque em crimes ambientais, também é um velho conhecido descumpridor de direitos trabalhistas. Além dos impactos causados no meio ambiente – como desmatamento, contaminação da água

Em pouco de mais de três anos, o Brasil foi vítima dos maiores crimes ambientais e contra trabalhadores de sua história.

e do solo e uso intensivo de água em grandes quantidades –, é na mineração que os trabalhadores estão expostos diariamente a condições de altíssimo risco e as normas de proteção contra acidentes de trabalho são seguidamente descumpridas.

Trabalhadores da mineração são expostos a condições e ambientes extremamente danosos, com impactos diretos na integridade física e mental. Jornadas de trabalho prolongadas; ritmos acelerados; cobrança de produção, máquinas e equipamentos inadequados; ruídos e calor excessivos; baixos salários; e uma composição majoritariamente de trabalhadores terceirizados são os ingredientes para de cada vez menos garantias de segurança e estabilidade.

Os crimes de Mariana e Brumadinho mostraram, inclusive, que os trabalhadores não têm mecanismos eficientes que garantam a sua sobrevivência em caso de acidentes. O refeitório da barragem do Córrego do Feijão, em Brumadinho, estava exatamente no caminho mais óbvio da lama e foi devastado em poucos segundos depois do rompimento da barragem, levando a vida de 243 pessoas, e mais 27 desaparecidas. Um caso revoltante e extremo de violação de normas de segurança.

É inegável que tais crimes são consequência da frágil fiscalização da legislação ambiental e da precarização dos direitos trabalhistas. E as perspectivas de mudança são para pior. Desde o primeiro dia, o governo Bolsonaro vem promovendo uma série de medidas com claros retrocessos ambientais, que inclusive chegou ser denunciada por todos os ex-ministros de meio ambiente dos últimos 30 anos. O que se vê é o desmonte de políticas construídas há décadas e

que, mesmo insuficientes, significavam um mínimo de garantias ao meio ambiente e à promoção de políticas que visavam o futuro do país.

O mais recente golpe do governo contra os trabalhadores foi o anúncio da revisão das Normas Regulamentadoras (NRs) relativas à segurança e saúde no trabalho, que pretende reduzir em 90% os padrões atuais.

Um exemplo desta situação é a não aplicação da NR 22 – Norma Regulamentadora do trabalho nas minas que estabelece detalhes dos cuidados com todas as etapas da mineração e tem entre seus itens a criação das CIPAMINS, uma CIPA com poderes diferenciados de poder parar a produção frente a qualquer risco. Se em Itabirito, Mariana e Brumadinho existisse esta prática, a adoção da NR 22 e com ela a CIPAMIN, certamente não teríamos a chacina programada com mais de 300 assassinatos.

Na área ambiental, a lista de flexibilização de normas para favorecer a

MORGUEFILE



impunidade tem ficado longa desde o início do ano. Podemos mencionar a diminuição de capacidades e orçamento do próprio Ministério de Meio Ambiente, que impede a formulação de políticas e fiscalização por parte da pasta; as mudanças no processo de análise de multas ambientais, que favorecem os infratores; ameaças e demissões em

O rompimento das barragens do Córrego do Feijão em Brumadinho e do Fundão em Mariana deixaram o rastro da lama trazendo morte e destruição.

áreas ligadas ao combate ao desmatamento e conservação ambiental; entre outras.

O crime organizado contra o meio ambiente também está organizado contra os trabalhadores. E agora, mesmo depois de Mariana e Brumadinho, Bolsonaro e Ricardo Salles deixam os criminosos da mineração, e outros setores, ainda mais à vontade para agir, em busca do lucro a qualquer custo e com a mais absoluta certeza de impunidade. Os prejuízos do modelo brasileiro de mineração já são altos para o meio ambiente e para o povo brasileiro, mas com o atual governo correm o risco de serem irrecuperáveis. ■

Na ponta da lança, quem paga a conta?

DARLAH FARIAS

DARLAH FARIAS
É ADVOGADA, GRADUADA
PELA UNIVERSIDADE
DA AMAZÔNIA (2012),
FEMINISTA NEGRA, ATIVISTA
PELA REDE DE MULHERES
E COLETIVO SAPATO PRETO.
INTEGRANTE DO GRUPO DE
ESTUDOS ÉTNICO-RACIAIS
NÓS MULHERES – UFPA



INSTITUTO GANGA ZUMBA

Existe um Brasil marginalizado, sem rosto e sem história.

O Brasil é o país que possui parcela majoritária da principal floresta tropical do mundo, a Amazônia. Ela abrange os Estados do Acre, Amapá, Amazonas, oeste do Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins, sendo 61% do nosso território nacional, tomando por essa mata alvo do capitalismo e interesses

inerentes a esse. O espaço geográfico supracitado ocupa aproximadamente 80% de toda região norte, região esta que possui 77% da sua população autodeclarada Negra (IBGE. Censo 2010).

Falar de negritude na Amazônia parece algo folclórico, tendo em vista que o senso comum é que a maioria da população é predominantemente indígena, percepção ainda defendida por alguns his-

toriadores nos dias atuais. O exotismo (perspectiva colonial) que paira sobre a Amazônia acarreta a invisibilidade e a desumanização dos corpos negros pertencentes a esse território, aliás, não somente pertencentes, mas corpos usados para a construção desse território. O povo negro é fundamental na história da Amazônia, conforme aponta Salles (1971, p. 61): “Qualquer amostragem de dados etnográficos e folclóricos

comprovarão que o negro contribuiu, em larga escala, para dar mais amplo embasamento à cultura regional. Uma prova disto é a lúdica amazônica, essencialmente negra”.

Nesse enredo – embasado pela violação da nossa existência, tendo em vista o nosso apagamento histórico como população influenciadora étnica, cultural e até econômica para a região amazônica – é primordial trazer, em contrapartida, a resistência de uma amazônia negra, destacando o papel das mulheres negras como protagonistas dessa luta contra o histórico marginalizado e apagado da população negra na Amazônia.

Para falar de feminismo amazônico, quero sublimar o porquê de entender que a luta das mulheres amazônicas (dos rios, das florestas e urbanas) se encaixa em lutas horizontais pautadas pelo pesamento feminista negro. Pautar feminismo amazônico é também compreender que as nossas conexões de

Feminismo Amazônico e o reconhecimento das mulheres no protagonismo das lutas do campo, urbanas e rurais.

saberes são epistêmicas, logo resgatando a ancestralidade para reprodução de saberes às gerações atuais.

Patrícia Collins (2000, p. 35) elege alguns temas fundamentais que caracterizam o ponto de vista feminista negro a partir do conjunto de experiências e ideias compartilhadas de mulheres afroamericanas sob a luz do pensamento feminista negro. Entre eles se destacam: o legado de uma história de luta; a natureza interconectada de raça, gênero e classe; e o combate aos estereótipos ou “imagens de autoridades”. Nesse viés, aponto inicialmente a luta das mulheres negras de comunidades quilombolas, quilombos estes urbanos e rurais, a exemplo, temos, na área urbana do município de

Ananindeua/Pará/Brasil, a Comunidade do Quilombo Abacatal, em que a participação das mulheres é latente e constante.

Assinalam Saldanha e Cardoso (2014) que em comunidades tradicionais quilombolas, o associativismo vem crescendo e trazendo para as mulheres a visibilidade e o reconhecimento como membros deste grupo; já na comunidade quilombola do Umarizal, localizada no município de Cametá, também no estado do Pará, as mulheres têm resistido à falta de recursos para manter a associação. Cumpre destacar que existe um estado de vulnerabilidade dos quilombos, logo a violência sofrida por mulheres quilombolas em papel de liderança nessas comunidades se faz em opressão triplicada – pelo gênero, raça e repressão –, como o assassinato da dona Maria Trindade, líder quilombola à frente da comunidade Santana da Baixo Jambuaçu, no município de Moju/PA.

Tais vivências nos fazem notar que a luta dessas



mulheres é interna e externa por esbarrarem no preconceito triplicado. Logo, ir contra a maré, quebrando tal estrutura racista / machista / sexista, se faz um combate urgente e necessário para o reconhecimento delas enquanto participantes e protagonistas da luta pela terra e combate à violação de seus corpos. Além do que, essas mulheres ainda batalham contra uma lógica capitalista versus racista em que muitas delas são até hoje utilizadas como mãos de obra domésticas em casas “de família”, lógica herdada do regime de

escravidão. Destaca Nilma Bentes (2013, p. 75) que tal comportamento significa, basicamente, separação de famílias quilombolas, indígenas e de negras de outros estados.

No campo urbano, a luta das mulheres negras também vem sendo pautada pela violência: muitas irmãs têm perdido os seus filhos e

Mulheres negras amazônicas contra as violências e violações de Direito

parentes para a violência policial, bem como para os grupos de extermínios denominados “milícias”. Temos uma estatística nacional alarmante em que a cada 23 minutos morre um jovem negro no Brasil, segundo o Mapa da Violência Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso); outros números foram levantados pelo Fundo das Nações Unidas (Unicef), que em um documento revelam que de cada mil adolescentes brasileiros, quatro serão assassinados antes de completarem 19 anos. Consoante a esses nú-

meros, relatórios recentes indicam que extermínios e/ou chacinas são constantes no estado do Pará: de 1994 a 2018 houve um total de 8 chacinas (urbanas e rurais). No território urbano, o *modus operandi* é de pessoas encapuzadas e fortemente armadas, em carros pretos ou pratas, tendo como alvo preferencial jovens negros moradores de bairros periféricos, marginalizados e criminalizados da região metropolitana de Belém.

O grupo de atuação em prol da vida desses jovens negros contém majoritariamente integrantes mulheres negras, pois estas representam as mães e avós provedoras e cuidadoras dos lares desses adolescentes e adultos tombados, isto é, exterminados.

O feminismo amazônico coloca em pauta as lutas interseccionadas de mulheres de comunidades tradicionais e mulheres urbanas, sendo elas, em sua maioria, mulheres negras (pretas e pardas). Tal segmento alerta que as mulheres negras amazônicas se encontram na “ponta da lança”, pagan-

do o preço mais alto de toda essa política que nos coloca como alvo do extermínio social e físico.

As mulheres negras amazônicas têm se movimentado e se organizado, reivindicando um Estado democrático de direito que de fato decline as violências contra nossos corpos negros e o genocídio contra o nosso povo. O feminismo amazônico alerta sobre o racismo institucional fomentado pela lógica social e estrutural de Estado. Ser feminista amazônica é ser radical; da raiz abraçando os ensinamentos ancestrais das nossas mães, como Zélia Amador de Deus, Nilma Bentes, Maria Albenize Malcher, Maria Luiza, Joana Carmen Machado, Dona Santana, Mãe Matilde, e tantas outras. Salve as caboclas da mata. Salve as Matintas. Salve nossas Ancestrais. Salve o nosso povo. ■

REFERÊNCIAS

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA IBGE – IBGE. Censo Demográfico. Disponível em:

<<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/3175#resultado>>. Acesso em: 18 maio 2019.

BENTES, Nilma. *Aspectos da trajetória da população negra no Pará*. Belém: UFPA, GEAM, 2013.

COLLINS, Patrícia Hill. *Pensamento Feminista Negro. Conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução de Natália Luchini. Nova York: Routledge, 2000.

G1 PARÁ. *Lider quilombola é encontrada morta em estrada na cidade de moju*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/lider-quilombola-e-encontrada-morta-em-estrada-na-cidade-de-moju.ghtml>>. Acesso em: 18 maio 2019.

ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL – SEÇÃO PARÁ. *Relatório da situação dos casos de chacinas e extermínios de jovens negros no Estado do Pará*. Comissão de Direitos Humanos da OAB/PA, 2018.

SALDANHA, C. M.; CARDOSO, D. M. “Perspectivas, memórias e narrativas de negros em movimento: subsídios para a lei 10693/03”. In: CAMPELO, Marilu Marcia; JESUS, Raimundo Jorge N. de; DEUS, Zélia Amador de (Orgs.) *Entre os rios e as florestas da Amazônia*. Belém: UFPA; GEAM, 2014.

SALLES, Vicente. *O negro no Pará: sob o regime de escravidão*. Belém: UFPA; Fundação Getúlio Vargas, 1971.

Desordem urbana e o colapso da estrutura residencial no Rio de Janeiro

VIVIAN ALVES DA COSTA RANGEL GOMES (VIVIAN KOSTA)

VIVIAN KOSTA
É DOUTORANDA EM
DEMOGRAFIA (IFCH/
UNICAMP); MESTRE EM
ESTUDOS POPULACIONAIS
E PESQUISA SOCIAL;
ESPECIALISTA EM ANÁLISE
AMBIENTAL E GESTÃO DO
TERRITÓRIO PELA ENCE/IBGE



MORGUEFILE

Fatos recentes ocorridos após as fortes chuvas no último mês de abril na cidade do Rio de Janeiro nos conduzem à reflexão sobre a população, suas condições de moradia e o meio ambiente. Trata-se da problemática que relaciona uso e ocupação do solo numa cidade de peculiaridades geográficas e geomorfológicas, e que tem a desordem como

sua lógica de produção espacial. Conforme ampla divulgação, o desabamento de um prédio residencial na localidade Muzena, comunidade de Rio das Pedras, na zona oeste da cidade, resultou em 24 vítimas fatais e trouxe à tona as práticas de um mercado imobiliário paralelo que sobrevive junto à negligência e conivência dos órgãos públicos responsáveis

por fiscalizar a expansão urbana.

Este é um momento propício para discutir o colapso de localização residencial da população de mais baixa renda na cidade do Rio de Janeiro. Mais além, devemos entender brevemente a lógica da dinâmica imobiliária recorrendo aos antecedentes que moldaram a distribuição espacial da

população e que interferem nessa dinâmica até os dias atuais. Nesse sentido, a diferenciação socioespacial intraurbana impacta a qualidade de vida e o acesso a oportunidades que a população tem disponível por meio de suas condições de moradia.

O Rio de Janeiro é considerado um espaço fragmentado e sua produção do espaço urbano tem a complexidade na qual se destaca a expansão das periferias de forma que coexistem os “espaços contraditórios”, como a contiguidade de áreas supervalorizadas pelo mercado, ocupadas pela população de alta renda, configuradas em condomínios fechados de luxo; e áreas formadas por bairros precários em infraestrutura e serviços básicos, ocupados pela população de mais baixa renda (RIBEIRO, 2008; ALVES, 2011).

No âmbito da reprodução das desigualdades socioespaciais, isso significa que, para a população de baixa renda ou nenhuma renda, ocupar determinados espaços na cidade

não é uma opção, muito menos uma escolha, mas uma necessidade para sua sobrevivência. Nesse sentido, o espaço urbano é constituído por uma diversidade de “externalidades”, ou seja, por uma diversidade de elementos dispersos na cidade que podem ser atraentes ou repelentes para a população (ABRAMO, 2007).

Essas externalidades que cada vizinhança tem são o conjunto de atributos que diferenciam uma área da outra no espaço intraurbano e tem o poder de influenciar a configuração espacial porque interferem diretamente nas decisões do poder local e do setor privado sobre qual área investir e intervir (ARANTES, 2000). Vale lembrar que tais externalidade não se restringem a equipamentos construídos, no caso da cidade do Rio de Janeiro, muitas

Desabamento na Muzena, comunidade de Rio das Pedras, resultou em 24 vítimas fatais

delas são constituídas pelos elementos naturais de seu ambiente como as paisagens e as proximidades das praias, além da vizinhança com bairros de mais alta renda também ser uma representação de oportunidades.

Estamos aqui afirmando que a política urbana, essencial à estruturação da cidade, está submetida a decisões público-privadas de empreendimentos e, por isso, promovem impactos sobre as localizações residenciais de diferentes formas, uma delas é via preços (aluguel, preço do imóvel, valor do IPTU), por exemplo.

De acordo com o que foi relatado por Abreu (2013) na análise sobre a “evolução urbana do Rio de Janeiro”, o processo de segregação das classes populares na cidade ao longo do tempo é notável e fomentado pelo poder público que opta por dirigir investimentos para áreas consideradas nobres na cidade acentuando as disparidades espaciais, seja em ações como a Reforma Sanitarista de Pereira Passos no início do século

XX, seja por meio das políticas de remocionismo de favelas da zona sul nas décadas de 1960 e 1970 ou pela facilitação da especulação imobiliária que promoveu a expansão da área rica da cidade na direção da Barra da Tijuca.

Em síntese, a expansão urbana se deu sem considerar as condições ambientais, o solo foi parcelado, negociado, adensado, mesmo sem a menor infraestrutura urbana de esgotamento sanitário ou de águas pluviais, entre outras. No mesmo contexto, a cidade continuava como um espaço de atração de mão de obra diante do elevado grau de concentração de empregos e, combinado ao acirramento das desigualdades sociais que assolou a economia brasileira na década de 1980, surgiram as condições para o desenvolvimento de um mercado de provisão de moradias que se subdividia em: um setor privado, que produzia moradias para a população de alta renda; o setor público, que financiava unidades em conjuntos

Ocupar espaços na cidade não é uma opção, nem escolha para baixa ou nenhuma renda, é uma necessidade

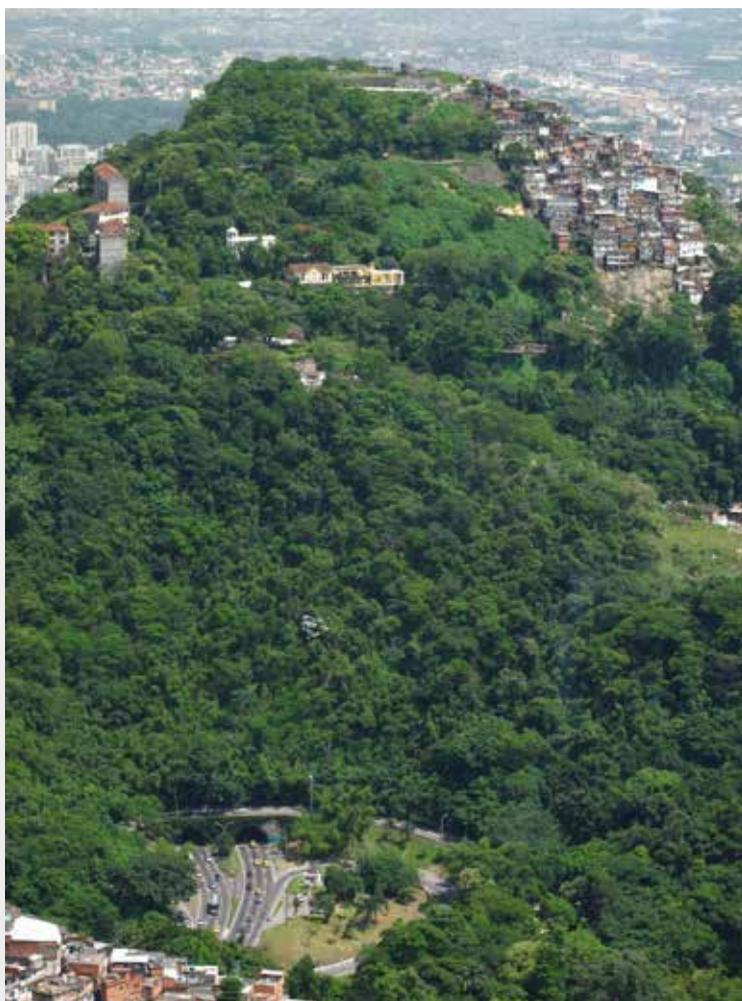
habitacionais distantes dos centros; e um mercado paralelo para atender a população que não havia sido incluída nos outros dois. Tal mercado apresentava sua face formal, mas a sua face informal é o que se convertia em oportunidade e até ilegalidade para a população de baixa renda alcançar a realização da aquisição de um imóvel ou terreno na cidade.

Essa realidade ainda é vigente nos dias de hoje. A ilegalidade que envolve a construção e a venda de imóveis se relaciona ao contexto ambiental de áreas onde tal atividade residencial não é permitida. Mas é uma prática patente na cidade que tem em seu histórico comunidades extensas que nasceram, cresceram e se expandiram em áreas inadequadas à moradia.

Hoje, em meio aos debates sobre o colapso das estruturas residenciais nas áreas de encostas, a temporada de chuvas e a ampla gama de notícias sobre deslizamentos de terra e enchentes chamam atenção à existência de um ciclo antigo que se mantém na configuração da cidade carioca. O Plano Diretor de 2011 representou uma tentativa de promover uma intervenção urbana, subdividiu a cidade em macrozonas definidas a partir de fatores econômicos, sociais, ambientais e infraestruturais com o objetivo de estabelecer referência territorial básica. Nesse contexto, a Muzema, em Rio das Pedras, é uma comunidade localizada na macrozona de ocupação condicionada, área que requer que o adensamento populacional, a intensidade construtiva e a instalação de atividades econômicas sejam condicionadas de acordo com a capacidade de suporte da rede de infraestrutura e devem estar subordinadas à proteção ambiental e paisagística. Sendo assim, questionamos: como não

existe uma prática de fiscalização mais eficaz que impeça o crescimento dessa área por meio da construção de novas unidades habitacionais?

A população vulnerável ao assédio de um mercado imobiliário falacioso, se submete à aquisição de um imóvel sob condições perigosas, arriscadas, sem a menor garantia. Tal população é pertinente a um estrato que não consegue se inserir no mercado formal/legal diante das condições socioeconômicas. Nesse ínterim, o mercado paralelo se amplia sob a lógica da desordem regente, que é a mesma lógica da impunidade, do preço barato, da lavagem de dinheiro, da inadimplência tributária e fiscal de uma produção espacial que captura vítimas das oportunidades. Oportunidades ilícitas de residir o mais próximo possível do local de trabalho, ou residir próximo a um bairro nobre, submetendo-se a uma dinâmica urbana de um poder paralelo que acomete a população por meio de uma das necessidades mais básicas, que constitui um dos direitos



MORQUELLE

sociais primordiais, que é o direito à moradia, conforme Artigo 6º da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. ■

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Pedro. *A cidade caleidoscópica: coordenação espacial e convenção urbana, uma perspectiva heterodoxa para a economia urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 368p.

ABREU, Maurício de Almeida. *A Evolução Urbana do Rio*

de Janeiro. 4ª edição. Rio de Janeiro: IPP, 2013. 156p.

ALVES, Glória da Anunciação. "A mobilidade/imobilidade na produção do espaço metropolitano". In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs.). *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2011.

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. "Uma Estratégia Fatal". In: ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia (Orgs.). *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 11-74.

Mudanças climáticas pelos olhos dos assentados rurais

ALEXSANDRO ARBAROTTI

ALEXSANDRO ARBAROTTI
É SOCIOLOGO E PESQUISADOR NO LABORATOIRE EAU, ENVIRONNEMENT ET SYSTEMES URBAINS (LEESU) - ÉCOLE DES PONTS PARIS TECH



COTRIGUAÇU-MT

No dia seis de maio de 2019 foi divulgado, em Paris, o relatório mais completo sobre a conservação da natureza dos últimos 50 anos. A Plataforma Intergovernamental sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos das Nações Unidas anunciou que estamos vivendo um período de destruição em massa sem precedentes na história, e que, por isso, mais de 1 milhão

A causa desta crise climática é o modelo de produção capitalista

de seres vivos estão ameaçados de extinção.

Esse relatório não é uma novidade em si, pois desde 2007, quando do 4º relatório do Painel Intergovernamental das Mudanças Climáticas (IPCC), já era possível perceber a gravidade e o

avanço das mudanças nos sistemas climáticos do planeta. O 5º relatório do IPCC, de 2013, agravou o quadro desenhado do relatório anterior e trouxe a tona a velocidade das mudanças climáticas e a dificuldade de se realizar qualquer prognóstico.

O consenso nestes relatórios aponta que a causa desta crise climática é o modelo de produção capitalista industrial, baseado

na extração de minérios e de petróleo, no desmatamento e na agricultura intensiva. Em resumo, um modelo que interfere no equilíbrio longamente constituído pela natureza e que coloca em vulnerabilidade comunidades tradicionais, indígenas e camponeses, que dependem diretamente dos ciclos climáticos para garantirem suas sobrevivência (STENGERS, 2013).

Assim, não são somente os dados e pesquisas científicas que dão conta dessa mudança no clima, uma vez que esses grupos socioculturais já apontam para a percepção da alteração climática em seus cotidianos de caça, pesca e plantio, com a mudança nos hábitos dos animais, dos regimes de chuvas e do desenvolvimento das plantas. Para muitas pessoas e grupos sociais as mudanças climáticas já são um fato, uma experiência concreta e cotidiana.

Algo que pude verificar em minha pesquisa de doutorado junto a um grupo de assentados, do Assentamento Reunidas,



COTRIGUAQU-INT

A vida do camponês está ameaçada

da cidade de Promissão (SP). Essa comunidade sofreu um grande período de estiagem no ano de 2014, o que fez várias famílias perderem as suas plantações. Algo que, segundo uma assentada, Carla, 29 anos, não acontecia quando eles chegaram no Assentamento, em meados de 1987: *“nunca naquele tempo eu ouvi falar que alguém perdeu uma roça de milho”*.

Este momento de seca no Assentamento foi percebido pelos assentados como algo dentro de um longo processo de mudanças no regimes de chuvas ocorrido nos últimos anos, como disse Dona Apare-

cida, 82 anos: *“Naquele tempo [quando ela era jovem], eu fui criada na roça com meu pai, chovia dezembro, janeiro, fevereiro e março e depois parava. Aí ele sabia o dia certo de plantar: ‘Vamos plantar que vai chover!’. Hoje não, ninguém sabe o dia que vai chover, está tudo mudado.”*

A partir da sua experiência de vida como trabalhadora rural e camponesa, Dona Aparecida rememora um tempo em que o clima era conhecido e ordenado. Mas o correr da vida embaralhou tudo, o clima mudou e não é mais possível saber quando irá chover. A profissão de camponês, que por séculos foi marcada pelo domínio das técnicas de plantio e sobretudo do conhecimento dos ciclos climáticos, se mostra ameaçada nesse contexto. A alteração no clima faz o camponês experimentar uma existência amedrontada, pois ele já não tem mais a segurança de dizer: *“Vamos plantar que vai chover!”*. O que lhe resta, doravante, é arriscar e



CORRIGUAÇU-MT

colocar as sementes na terra sem saber se elas vão “vingar”.

As mudanças climáticas, portanto, não deixam marcas somente na terra rachada pela falta de água, ela toca diretamente na estrutura de sentimentos dos assentados, provocando inseguranças e medos. Muitos foram os que expressaram o temor de não mais conseguir realizar o seu trabalho de plantar e criar animais.

Nesse sentido, as mudanças climáticas não devem mais serem tratadas como um evento que pode ocorrer no futuro, mas sim uma realidade que já acarreta perdas materiais e sofrimentos a alguns grupos sociais. E a construção de um futuro no planeta está, mais do que nunca, ligada à mudança do modelo econômico atual para um modelo onde a terra não seja somente um simples recurso. E, nesse ponto,

camponeses e comunidades tradicionais têm muito a nos ensinar (CECEÑA, 2013). ■

REFERÊNCIAS

CECEÑA, Ana Esther. La Madre tierra como sujeto de la historia. Observatório Latino Americano de Geopolítica. *Revista ALASRU*, 2013.

STENGERS, Isabelle. *Au temps des catastrophes: résister à la barbarie qui vient*. Paris: La Découverte, 2013.

Informalidade e periferias

LÉA MARQUES E MATHEUS TANCREDO TOLEDO

Dando sequência à série de artigos sobre a Pesquisa da Fundação Perseu Abramo (FPA) “Informalidade e Periferias no Brasil Contemporâneo”, neste mês trabalharemos os resultados referentes à nona hipótese da pesquisa: *“Estes/as trabalhadores/as tiveram um incremento em seus rendimentos na última década, agora enfrentam um movimento regressivo”*.

A pesquisa qualitativa teve como principal objetivo responder quem são, como vivem e o que pensam os trabalhadores e trabalhadoras informais das periferias do Brasil. A metodologia adotada foi o uso de entrevistas em profundidade da trajetória de vida, por meio das quais entrevistamos trabalhadores e trabalhadoras informais ambulantes, da construção civil,

confeção, manicures, domésticas e motoboys das cinco regiões do país.

É praticamente consenso entre a maior parte dos entrevistados e entrevistadas, que nos últimos 15 anos houve um aumento significativo de renda e das condições materiais dos trabalhadores. Notam-se, nos relatos, os impactos positivos de programas sociais e do crescimento econômico vivido nos governos Lula e Dilma para a melhora da vida dessas pessoas.

No caso das trabalhadoras domésticas e das manicures, houve relatos sobre elas mesmas ou os filhos terem adentrado universidades públicas federais, por meio das cotas, ou em universidades privadas, pelo programa Prouni. O Minha Casa Minha Vida também é mencionado como um programa importante e que

garantiu a casa própria para uma delas. A boa situação econômica aumentou o poder de compra e fez diminuir o medo do desemprego. Depois do impedimento de Dilma, segundo as entrevistadas, a situação piorou bastante.

Para os ambulantes, nos governos anteriores houve melhora significativa pelo aquecimento da economia e do mercado interno. Já com a crise, para os que trabalham com venda de roupas em grandes feiras, como as do bairro do Brás, em São Paulo, houve um aumento dos chamados “sacoleiros”, o que impacta significativamente nas vendas por conta da concorrência, para os demais, o relato é de endividamento, queda no faturamento e aumento no preço de mercadorias.

Com os mototaxistas e motoboys as entrevistas deixam evidente que a

LÉA MARQUES É SOCIOLOGA, CONSULTORA NO EIXO “TRABALHO” DO PROJETO RECONEXÃO PERIFÉRIAS E NA PESQUISA “TRAJETÓRIAS DA INFORMALIDADE NO BRASIL CONTEMPORÂNEO”.

MATHEUS TOLEDO É CIENTISTA POLÍTICO, ANALISTA DO NÚCLEO DE ESTUDOS E OPINIÃO PÚBLICA E NO PROJETO RECONEXÃO PERIFÉRIAS, E NA PESQUISA “TRAJETÓRIAS DA INFORMALIDADE NO BRASIL CONTEMPORÂNEO”.

situação econômica teve melhorias durante os governos Lula e Dilma, e que de cerca de dois ou três anos para o momento atual isso foi revertido. De acordo com os motoboys, esse fato seria decorrente tanto pela crise econômica pela qual todo país se encontra quanto pela atuação mais agressiva dos aplicativos, que rebaixou o valor da mão de obra desses trabalhadores e ampliou a concorrência interna entre eles.

Para além de suas condições individuais, há o reconhecimento de que o país como um todo passou por melhorias nos governos anteriores. Sobre Lula, uma das trabalhadoras doméstica relata que *“muita gente fala [mal], eu acho que na época dele foi um pouco melhor. As pessoas tavam tendo mais, entendeu, tava tendo uma vida melhor, na época dele [...] Eu acho que as pessoas conseguiam comprar mais alguma coisa. Eu acho que agora é que tá mais difícil. [...] Porque parece que o dinheiro entra e mal mal*

É praticamente consenso entre a maior parte dos entrevistados e entrevistadas, que nos últimos 15 anos houve um aumento significativo de renda e das condições materiais dos trabalhador

dá pra pagar as contas”. Essa mesma trabalhadora relata que considera que o país piorou após os governos Lula-Dilma, principalmente porque, *“muitas coisas foram se desfazendo”*, particularmente em sua visão, piorou o acesso à saúde, reduziu-se o poder de compra, diminuiu a oferta de empregos e de acesso aos diferentes programas sociais. [M., 48 anos, negra, doméstica, natural de Teófilo Antônio (MG), mora e trabalha no RJ]

Um motoboy relata que *“No Norte [...], eu estou falando isso porque os meus tios moram lá, morava, e tinha muito serviço, depois*

que o PT saiu acabou. O meu primo era motorista de caminhão de água para levar para o pessoal nos lugares que não tinha, acabou, teve que vim embora para o interior.” [M., 39 anos, branco, motoboy, São Paulo-SP]

Tais relatos comprovam a hipótese inicial da pesquisa, corroborando para uma leitura crítica da situação em geral do mundo do trabalho após os governos Lula e Dilma. Se, para as pessoas que se encontram na informalidade as condições de sobrevivência sempre foram difíceis, ainda que seu vínculo e suas condições de trabalho não tenham se alterado durante os diferentes momentos políticos pelos quais o Brasil passou recentemente, as condições materiais de grande parte da classe trabalhadora melhoraram significativamente quando o Estado cumpriu um papel determinante em induzir um crescimento econômico inclusivo e de garantir uma série de políticas públicas. ■

Mapeamento coletivos e movimentos das periferias - agrário/ruralidades

JAQUELINE LIMA E VICTORIA LUSTOSA BRAGA

JAQUELINE LIMA
É SOCIOLOGA E CONSULTORA NO EIXO “CULTURA” NO PROJETO RECONEXÃO PERIFERIAS E NO “MAPEAMENTO DOS MOVIMENTOS E COLETIVOS DAS PERIFERIAS”.

VICTORIA LUSTOSA BRAGA
É ESTAGIÁRIA NO MESMO PROJETO E NO MAPEAMENTO DOS MOVIMENTOS E COLETIVOS DAS PERIFERIAS.



PERCURSO DA CULTURA

Dentre as organizações já mapeadas, menos de 10% têm como uma das três áreas principais de atuação o campo agrário/ruralidades (41). Esta área é a que mais apresenta engajamento na agenda de sustentabilidade socioambiental. Os temas com os quais têm maior intersecção são desenvolvimento

territorial (49%), povos e comunidades tradicionais (34%) e trabalho (29%).

Um dado que se destaca é que 32% destes movimentos nasceram até a década de 1980, quando que para a totalidade das organizações 46% foram criadas após 2010. Desta forma, as organizações da área agrário/ruralidades têm maior tempo

de existência e, como consequência, se constituem como o espaço de articulação de muitas dimensões da vida de seus atores: trabalho, moradia, tradições culturais etc.

Por se constituírem como uma das principais formas de organizar a vida nos territórios, os movimentos deste segmento revertem mais uma vez

os resultados globais do mapeamento: 73% se autodefine como da área de trabalho, 22% de cultura e 5% de violência, quando que para a totalidade 52% apresentam-se como da área de cultura, 25% de violência e 23% de trabalho.

O longo percurso de atuação também reflete na forma como estão institucionalizadas: 46% ONGs, 24% associações, 10% institutos, 10% coletivos e 5% cooperativas. Um percentual expressivo participa de atividades de outras organizações (66%), 85% integra redes ou fóruns (59% de nacional, 51% estadual, 29% municipal e 7% internacional) e 73% compõem conselhos de controle social.

O dado que mais se distancia dos resultados gerais é “enfrentamento com grupos privados e armados” vivenciados no campo

por movimentos de agricultura familiar. Embora muitas vezes pressuponha-se que este setor atue mais a nível local, os grupos do mapeamento respondem o contrário: 37% abrangência estadual, 29% nacional, 22% municipal, 10% bairro e 2% internacional. Isso reflete, como aponta os dados, ao ativismo organizado por meio de redes, fóruns e movimentos nacionais compostos de núcleos locais.

Sobre as formas de cerceamento enfrentadas, os dados correspondem aqueles trazidos pelos demais movimentos: racismo (51%), machismo (51%), fundamentalismo e intolerância religiosa (32%), LGBTIfobia (32%), repressão policial (20%), enfrentamento com grupos privados armados (17%) e xenofobia (12%). O dado que mais se distancia dos resultados gerais é “enfrentamento com grupos privados e armados”, o que está relacionado com as formas de conflitos e enfrentamentos vivenciados no campo.

Destacam, como suas bandeiras de luta, as expressões trazidas no quadro abaixo:

PRODUCAO CONSERVACAO ACESSO CONVIVENCIA O SEMIARIDO
 DAS MULHERES DIREITOS HUMANOS POVOS E TERRITORIO
 DIREITOS CAMPO DIREITO DEFENDER TERRA
 MULHERES CULTURA DEFESA AGROECOLOGIA EMPODERAMENTO
 DEFESA DA EDUCACAO



Edital	Foco	Prazo	Link
Iniciativa para Fortalecimento das Organizações Indígenas – Cese/ Coiab	A iniciativa vai apoiar a regularização de associações indígenas para que estejam em dia com as exigências para seu funcionamento legal	15/06/2019	https://www.cese.org.br/categoria/noticias/chamadas-noticias/
Elas Periféricas – Fundação Tide Setubal	Destinado a iniciativas de organizações sem fins lucrativos e coletivos, formalizadas ou não, atuantes em diferentes territórios periféricos do município de São Paulo, que tenham mulheres negras em cargos de liderança	16/06/2019	https://conteudo.fundacaotidesetubal.org.br/edital-elas-periferias-2019
<i>Matchfunding</i> BNDES+ Patrimônio Cultura Benfeitora e BNDES	O programa de <i>Matchfunding</i> BNDES+ vai selecionar projetos capazes de deixar legado para Patrimônios Culturais Brasileiros, capacitá-los em mobilização através de <i>crowdfunding</i> e TRIPLICAR sua arrecadação!	15/08/2019	https://benfeitoria.com/canal/bndesmais
Edital para Seleção de Projetos Sociais – Fundação Balbina Camila de Araújo	Financiamento de projetos sociais de organizações de Belo Horizonte	03/06/2019	http://fbcabh.org.br/editais/
Edital “Ater Sustentabilidade – Retomada das Atividades Agropecuárias” – Fundação Renova	Selecionar uma entidade prestadora de serviços de assistência técnica e extensão rural (Ater) para atender 154 propriedades rurais da cidade de Governador Valadares/MG ao longo de 36 meses	09/07/2019	https://prosas.com.br/editais/5276-ater-sustentabilidade-lote-8
Projeto Formação de Lideranças Jovens para Revitalização da Bacia do Rio Doce – Fundação Renova	A Fundação Renova convida instituições públicas e privadas interessadas em participar da execução do Projeto Formação de Lideranças Jovens para Revitalização da Bacia do Rio Doce, desenvolvido em parceria com a Câmara Técnica de Educação, Cultura, Lazer e Turismo (CT-ECLT)	25/06/2019	https://prosas.com.br/editais/5286-formacao-de-liderancas-jovens-area-de-abrangencia-02
Prêmio global de alfabetização e multilinguismo – Unesco	Reconhecer iniciativas de excelência e inovação no campo da alfabetização	15/06/2019	https://nacoesunidas.org/unesco-recebe-inscricoes-para-premio-global-de-alfabetizacao-e-multilinguismo/

<p>"Summer of Solutions" – projetos de jovens sobre soluções tecnológicas para desafios globais – ONU</p>	<p>Iniciativa que busca reunir jovens de todo o mundo para criar soluções tecnológicas inovadoras para desafios globais</p>	<p>03/07/2019</p>	<p>https://uniteideas.spigit.com/main/Page/SummerOfSolutions</p>
<p>Prêmio Unesco-Hamdan Bin Rashid Al-Maktoum de Melhores Práticas e Desempenho no Aprimoramento da Eficácia de Professores – Unesco</p>	<p>Premiação bienal sobre boas práticas na formação e aperfeiçoamento de professores. Iniciativa reconhece projetos que contribuem para a melhoria de práticas educacionais em todo o mundo, com prioridade para países em desenvolvimento e comunidades mais vulneráveis e marginalizadas</p>	<p>31/10/2019</p>	<p>https://nacoesunidas.org/unesco-abre-inscricoes-para-premio-sobre-formacao-de-profesores/</p>
<p>Rede global de cidades criativas – Unesco</p>	<p>A iniciativa promove a cooperação internacional dentro e entre municípios de zonas urbanas que investem na cultura e na criatividade como aceleradoras do desenvolvimento sustentável a fim colocar as indústrias culturais e criativas no centro de suas estratégias de desenvolvimento e transformar as cidades em locais mais inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis</p>	<p>30/06/2019</p>	<p>https://nacoesunidas.org/unesco-recebe-inscricoes-para-rede-global-de-cidades-criativas/</p>
<p>Fundo Maypole está recebendo inscrições para projetos e ações de grupos de mulheres</p>	<p>Financiamento para grupos de mulheres feministas antimilitaristas voltados para desafiar proativamente o patriarcado</p>	<p>30/06/2019</p>	<p>https://valberlucio.com/o-fundo-feminista-maypole-recebe-inscricoes-p-projetos-prazo-ate-30-06-2019/</p>
<p>Residência Hacker Red Bull Basement</p>	<p>Selecionar projetos com potencial de transformação e impacto social, que já estejam em estágio de produção/ prototipação, possuindo esboços ou outras formas de materialização, sejam elas fotos, vídeos, desenhos em CAD, 3D, fragmentos de código ou protótipo</p>	<p>02/06/2019</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/5387-residencia-hacker-red-bull-basement</p>

Editais Sesi– SP Artes Cênicas, Música, Artes Visuais, Audiovisual e Literatura	Projetos nas áreas de Artes Cênicas, Música, Artes Visuais, Audiovisual e Literatura para o estado de São Paulo	12/07/2019	https://www.sesisp.org.br/cultura/editais
Edital “Artista, Presente” – Governo do Estado do Ceará	Ação conjunta das Secretarias da Cultura e da Educação do Estado do Ceará voltada à formação artística e produção cultural no cotidiano das escolas, visa o credenciamento de propostas de artistas para a realização de formações artísticas nas Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral – EEMTI	14/06/2019	http://editais.cultura.ce.gov.br/2019/05/20/edital-de-credenciamento-artista-presente-2019/
Fundação Municipal de Cultural, Turismo e Eventos (Manauscult) – Prefeitura de Manaus	Edital voltado a projetos culturais do município de Manaus (AM)	31/09/2019	http://manauscult.manaus.am.gov.br/edital-de-selecao-de-projetos-da-lei-municipal-de-incentivo-a-cultura-2019/
Seleção de Projetos de Incentivo à Cultura e ao Esporte (Leis Federais) – AES Tietê	Projetos que possam ser realizados em municípios da área de influência da AES Tietê nas áreas de cultura, artes e esportes	Contínuo	https://prosas.com.br/editais/4532-selecao-de-projetos-de-incentivo-a-cultura-e-ao-esporte-leis-federais
Programa Marielle Franco de Aceleração do Desenvolvimento de Lideranças Femininas Negras – Fundo Baobá	Desenvolvimento e aceleração de lideranças femininas negras e organizações negras	Em breve (acompanhar portal)	http://baoba.org.br/programa-marielle-franco-de-aceleracao-do-desenvolvimento-de-liderancas-femininas-negras/
Projetos na América Latina – <i>Open Society Foundations</i>	Projetos de desenvolvimento social e humano na América Latina	Contínuo	https://www.opensocietyfoundations.org/grants/latin-america-program
Fundo de Ação Urgente (<i>Urgente Acction Fund</i>) – <i>Por los Derechos de las Mujeres</i>	Projetos voltados para a garantia dos direitos das mulheres	Contínuo	https://fondoaccionurgente.org.co/

■ **Norte**

Acre

Arraial das Acácias

Data: 22/06
Horário: 17h às 23h
Local: Parque das Acácias
Estrada da Floresta - Rio Branco

Amapá

Batalha da Rodovia

Data: 22/06
Horário: Inscrições às 16h, início às 17h.
Local: Praça Central do Jari
Laranjal do Jari

Rap In Santa

Data: 25/06
Horário: Inscrições às 16h, início às 17h.
Local: Praça da Fonte - Santana

Amazonas

**Simpósio de Zoologia da Amazônia:
Taxonomia, Biogeografia e
Conservação**

Data: 10, 11, 12 e 13/06
Horário: 8h às 18h
Local: Auditório Samaúma/ UFAM
Avenida Gal. Rodrigo Octavio - Manaus

2º Meia Maratona Sustentável

Data: 09/06
Horário: 05h30 às 12h
Local: Centec - Centro de Ensino Técnico
Av. Djalma Batista, 646 - Manaus

**7º Passeio Ciclístico Pedalação
Pedalar para Respirar**

Data: 09/06
Horário: 07h30 às 12h
Local: Parque dos Bilhares (Djalma
Batista) - Manaus
*Obs: As inscrições serão efetivadas no dia
e local do evento (09 de junho, no Parque
Ponte dos Bilhares), mediante a doação de*

*1 kg de alimento não perecível (exceto sal e
açúcar), que serão destinados a instituições
carentes.*

Pará

**Roda de conversa sobre
o trabalho infantil**

Data: 12/06
Horário: 10h
Local: Associação Projeto Visão Águia
Avenida Nações Unidas, 1826
Benevides - Pará

Mostra de Cinema Africano: Tabataba

Data: 16/06
Horário: 19:30
Local: CineOlympiaOficial
Av. Presidente Vargas, 918, Campina
Belém do Pará

Rondônia

**Semana do Meio Ambiente
Seminário "Recursos Hídricos e
Plano de Segurança de Barragens"**

Data: 06/06
Horário: 19h
Local: Auditório Paulo Freire
Campus Unir - Porto Velho

**Semana do Meio Ambiente
Seminário "Saneamento Básico e
Ambiental" - Ato Público Ecumênico**

Data: 07/06
Horário: 19h
Local: Auditório da Praça CEU R. Benedito
Inocêncio com R. Antônio Fraga Moreira,
Bairro JK - Porto Velho

Semana do Meio Ambiente

Data: 08/06
Horário: 18h
Local: Praça do Conjunto Santo Antônio
e Paróquia São João Bosco R. Padre
Chiquinho
Bairro São João Bosco- Porto Velho

Luau Terra Cura

Data: 15/06
Horário: 19h
Local: Terra Cura- BR-364, km 13,
Sentido Candeias do Jamari - Porto Velho

Roraima

Festival do Minuto

Data: 07/06
Horário: 19h
Local: Dr. Silvio Botelho,
Cineclube Fora do Eixo
Boa Vista

Tocantins

Festival do Minuto

Data: 03 a 09/06
Horário: 19h
Local: R. Casemiro de Abreu, 1197
St. Serrano, Oficina Geral - Cultura e
Cidadania - Paraíso do Tocantins

10ª Edição da Feira das Manas

Festa Junina com Trio Bacana

Data: 15/06
Horário: 17h
Local: Parque dos Povos Indígenas
Palmas

■ Nordeste

Alagoas

Festival do Minuto

Data: 04/06
Horário: 14h às 19:30
Local: R. Manoel Francisco Cazuya, s/n -
Santa Edwiges, Arapiraca - Sesc Arapiraca

Bahia

Roda de Capoeira

Data: 16/06
Horário: 09h
Local: Praça de São Tomé - Salvador

Ceará

Roda de Conversa "O que somos periferia? Territórios e Disputas"

Data: 06/06
Horário: 18:30
Local: Teatro Marcus Miranda
Rua Três Corações, 400
Bom Jardim, Fortaleza

Festival Lula Livre em Fortaleza

Data: 15/06
Horário: 15h
Local: Ainda não definido

Maranhão

Festival do Minuto

Data: 07 a 09/06
Horário: 09h às 11h
Local: R. José Bonifácio, 690 - Ponto de
Cultura Território Encantado Brasil Norte
Santa Rita

Paraíba

Festival do Minuto

Data: 06/06
Horário: 14h
Local: Av. Santa Elisabete - no Laboratório
de Antropologia Visual da Universidade
Federal da Paraíba Campus iv
Rio Tinto

Coco no Quilombo

Data: 16/06
Horário: 08h
Local: Comunidade Quilombola Caiana
dos Crioulos
Alagoa Grande

Pernambuco

Cine Jacaré

Data: 08/06
Horário: 18h às 23h
Local: Rua Hamilton Ribeiro, 211
Campo Grande - Recife

II Sarau das Mulheres

Data: 20/06
Horário: 17h
Local: Rua Mariz e Barros
Recife

Piauí

Festival do Minuto

Data: 06 a 08/06
Horário: 15h às 17h30
Local: Shop da Cidade
R. Areolino de Abreu, 900 - Centro (Sul)
Laboratório e Núcleo de Produção
Audiovisual
Teresina

5º Pipaço da Juventude

Data: 30/06
Horário: 8h
Local: Fanfarra das Artes
Rua Alexandre Gomes Chaves s/n
Bairro Dirceu - Teresina

Rio Grande do Norte

Festival do Minuto

Data: 07/06
Horário: 13h às 14:40
Local: R. Honorio Marciel, 354
Escola Estadual Senador José Bernardo
São João do Sabugi

Arraiá na Casa do Cordé

Data: 15/06
Horário: 14h
Local: Rua Vigarario Bartolomeu, 605
Cidade Alta - Natal

Sergipe

São João da Gente Sergipana

Data: 14/06 e 15/06
Horário: 17h
Local: Av. Ivo do Prado, 398 - Centro
Aracaju

Centro Oeste

Distrito Federal

35ª Feira do Livro de Brasília

Data: 06/06 a 16/06
Horário: 9h às 22h
Local: Complexo Cultural da República
Esplanada dos Ministérios - Brasília

Goiás

Festival do Minuto

Data: 05 a 08/06
Horário: 08h às 10:30
Local: Av. Esperança, s/n
Chácara de Recreio Samambaia
Universidade Federal de Goiás,
Cine UFG, Campus II - Campus
Samambaia
Goiânia

Ópera Il Pagliacci - Centro Cultural Oscar Niemeyer

Data: 16/06
Horário: 11h
Local: Av. Deputado Jamel Cecílio, 4490
Quadra Gleba, Lote 1
Goiânia

Mato Grosso

Grande evento com a ação social da Amae-MT

Data: 16/06
Horário: 8h às 13h
Local: Centro Comunitário do Jardim
Brasil - Rua J Q 16, lote 17 - Jardim Brasil
Cuiabá

Mato Grosso do Sul

4º Sarau Quarteirão

Data: 15/06
Horário: 16h
Local: Urgente Cia
Rua Dr. Temístocles, 64
Campo Grande

■ **Sudeste**

Espírito Santo

1º Seminário de Políticas Públicas para Juventude Negra LGBT+: Quando diversidade sexual e gênero se encontram com raça e classe”.

Data: 15/06

Horário: 13h

Local: Museu Capixaba do Negro
Av. República, 121 - Centro - Vitória

Minas Gerais

Festival do Minuto

Data: 05/06

Horário: 19h

Local: PALves Realizações & Produções
R. Niterói, 151 - Santa Efigênia
Belo Horizonte

**Morro dos Brincades e Sessão
Cine Beco**

Data: 15/06

Horário: 16h30

Local: Avenida Artur Bernardes, 3876
Barragem Santa Lúcia - Belo Horizonte

Rio de Janeiro

Informalidade, zona norte e sustentabilidade: Como gerar renda com resíduos?

Data: 26/06

Horário: 18h

Local: Espaço Mina Madeira
Estrada do Barro Vermelho, 1866
Colégio - Rio de Janeiro

Galpão Bela Maré recebe documentário “A parte do mundo que me pertence”, do diretor Marcos Pimentel

Data: 05/06

Horário: 15h30

Local: Galpão Bela Maré - Rua Bittencourt Sampaio, 169, Maré (entre as passarelas 9 e 10 da Avenida Brasil) - Rio de Janeiro

São Paulo

Lançamento Livro Notas Sobre a Fome

Data: 13/06

Horário: 20h

Local: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, Butantã
São Paulo

**Espectáculo “Eu em Ti - Retratos um Documento Cênico”
Cia Gufo de Teatro**

Data: 15/06

Horário: 18h

Local: R. Aroldo de Azevedo, 20
Jardim Bom Refúgio - São Paulo

Segundo Gig Antifascista

Data: 15/06

Horário: 18h

Local: Rua Wladimir Cardoso, 04
Jardim Vale do Sol
São Paulo

Rap Plus Size

Data: 13/06

Horário: 14h

Local: Biblioteca Affonso Taunay
Rua Taquari, 549, Moóca
São Paulo

Rap Plus Size

Data: 15/06

Horário: 14h

Local: Biblioteca Camila Cerqueira Cesar
Rua Waldemar Sanches, 41, Butantã
São Paulo

Rap Plus Size

Data: 18/06

Horário: 14h

Local: Biblioteca Minotti del Picchia
R. São Romualdo, 382, Limão
São Paulo

Rap Plus Size

Data: 24/06
Horário: 14:30
Local: Biblioteca Rubens Borba
Rua Sampei Sato, 440, Jardim Matarazzo
São Paulo

Rap Plus Size

Data: 27/06
Horário: 14h
Local: Biblioteca Vinicius de Moraes
R. Jardim Tamoio, 1119,
Conjunto residencial José Bonifácio
São Paulo

Rap Plus Size

Data: 29/06
Horário: 14h
Local: Biblioteca Narbal Fontes
Rua Conselheiro Moreira de Barros, 170
Santana - São Paulo

Feira de Agricultura Familiar

Data: 12,13 e 14/06
Horário: 9h às 17h
Local: Faculdade de Engenharia Agrícola
da Unicamp - Feagri/Unicamp
Av. Cândido Rondon, 501
Cidade Universitária
Campinas

■ Sul

Paraná

Festival do Minuto

Data: 08/06
Horário: 19h
Local: R. da Paz, 51 - Centro,
Casa Quatro Ventos - Movimento e Arte
Curitiba

Marcha pela Diversidade

Data: 30/06
Horário: 13h

Local: Praça Santos Andrade, Centro
Curitiba

Rio Grande do Sul

Slam Peleia - 23ª Edição

Data: 29/06
Horário: 16h
Local: Travessa dos Venezianos, 36
Porto Alegre

Quarta edição do "Desemudecer: um encontro para saber" temática Kids

Data: 08/06
Horário 15h às 17h
Local: Associação Négo Futebol Clube
Rua Engenheiro Henrique Vilanova, 1520
Bairro Cidade Alta - Venâncio Aires

Banco Comunitário Cascata convida a Comunidade a participar da Feira de Economia Solidária

Data: 07/06 (sexta-feira) e 08/06 (sábado)
Horário: 14h às 18h (sexta-feira) e
10h às 17h (sábado)
Local: Ponto final da linha do ônibus
1º Maio
Obs.: Em caso de chuva o evento será cancelado.

Santa Catarina

Festival do Minuto

Data: 03 a 09/06
Horário: 08h às 12h e 13h às 22h
Local: Rua Três de Maio, 365, sala 06
Antigo Hospital Hansahoehe Ibirama -
Associação Hansahoehe
Centro - Ibirama

Mostra Boanova Filmes

Data: 17/06 a 19/06
Horário: 19:30
Local: Centro Integrado de Cultura -
Av. Governador Irineu Bornhausen, 5600
Agrônômica - Florianópolis